



Sara Pereira (Org.) (2011)
Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"
25-26 Março 2011, Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
ISBN 978-989-97244-1-9

Questão de Confiança

TERESA PAIXÃO

Responsável pela Programação para a Infância, RTP

teresa.paixao@rtp.pt

Cumprimento a Universidade do Minho e todos os sponsors deste encontro pela iniciativa , agradeço à Sara Pereira o convite para estar aqui a ouvir e a ser ouvida , felicito todos os anteriores oradores e permitam-me uma palavra de especial apreço à Maria Emilia Brederode Santos, com quem trabalhei 10 anos, e que me deu algumas das melhores lições pessoais e profissionais para a minha vida.

Numa geração criada em casa a televisão transformou-se num entretém de cativo. De resto foi o único meio que ligou Joana Kampush ao mundo durante o seu longo sequestro.

Neste contexto em que o nº de filhos se reduziu drasticamente e em que o nº de perigos aumentou consideravelmente , a televisão descobriu o seu "filão" e , a partir dos anos 80 do sec. 20 ganhou estatuto, tanto de influenciar como de irritar , mas sobretudo de merecer a confiança dos seus reféns . Quase que podemos dizer que se deu o síndrome de Estocolmo, os reféns acabaram por se apaixonar pelo guarda do seu cativo.

Neste 20 anos em que sou responsável pela programação infantil o que tenho tentado é que a programação seja merecedora da confiança dos meninos e dos pais e não abusadora da confiança deles.

As questões de confiança são muito complicadas porque são como a privacidade, uma vez perdida não se recupera, por isso ,causam ao programador alguma ansiedade quando tem de fazer opções. E decidi optar por uma via fácil, quase cobarde , que é a de programar para todos mas não programar para a maioria. Programar para todos é muito mais simples e muito mais caro. Mais simples porque não tenho de esperar que a maioria confie em mim, não tenho de ser eleita , mas tenho de ter programas que agradem ora agora a uns ,ora agora a outros o que torna a programação mais diversificada e muito mais dispendiosa. Uma programação assim não permite a compra em pacotes o que faz subir os custos substancialmente. E mesmo assim, sem fazer nada por isso, conseguimos ser líderes de audiência entre os 4 canais terrestres, no Verão de 2010 com uma série francesa chamada "Inami",mas era só durante 20 por dia!

Há ainda uma outra forma de merecermos a confiança do publico, que é sendo cortês com ele. Quando o país pré-escolar vibrava com o Nodi e os pais, no final da das três repetições dos 100 episódios da série, ou seja depois de 300 presenças do Nodi, nos acusaram de não cumprir o serviço publico porque não exibíamos mais nenhuma episódio , fizemos uma declaração às meninas e meninos portugueses dos 3 aos 6 anos dizendo que o Nodi tinha ido de férias, que estava exausto

de guiar o táxi e criámos, com a imagem do Nodi ,uns postais do mundo inteiro que o Nodi ía mandando onde conseguimos dar imensa informação sobre os países. Recebemos mails encantados com a iniciativa e nunca ninguém nos questionou sobre a dificuldade que teria um taxista em juntar dinheiro para se andar a pavonear em tão longa viagem.

E também sabemos que o nosso score de confiança aumenta quando nos denunciámos. A este ato de nos denunciarmos chamo “educação para os media”.

Nunca fizemos ,até agora, nenhum programa específico que ensine a produzir televisão, ainda que saibamos que os meninos até o podem fazer com um telemóvel. Também não fizemos nenhum programa com o objectivo de explicar como se faz televisão, mas muitas vezes fazemos troça do nosso trabalho.

Nos clips de apresentação dos programas , de vez em quando destruímos a coisa . Vamos ver um :

Clip dos Lusiadas

Também já comprámos séries onde o cinema está presente embora não seja a personagem principal .Esta série francesa tem esse clima.

Hotel da Arrábida

E as viagens de Félix que ,com alguma boa vontade, podem ser considerados também uma forma de ensinar a filmar uma vez que o Felix faz vídeos para enviar aos amigos.

Clip de “Post cards from Felix”

E mostro ainda uma ficha técnica que queria explicar aos meninos o que fazem as pessoas cujos nomes vêm no final.

Clip da ficha técnica do Vamos Ouvir

Sou das poucas pessoas no meio televisivo que detesta os making off. Exceptuando o do filme “Expição” onde aprendi imenso técnica e artisticamente, nunca vi nenhum que não me soasse a auto –elogio, que não tivesse um tom de “ai que divertido que foi porque nós somos especiais”, ou que não tenha informações tão ridículas como o nº de pregos e de fita cola que foi preciso gastar. Mas ainda assim reconheço que um making off pode ser útil para os meninos perceberem como é que tornamos o artificial real. Até agora não mandei produzir nenhum porque não encontrei ninguém que soubesse fazê-los sem o cunho do costume.

Sabemos que se mostrarmos às crianças como funciona a televisão podemos contribuir para que seja motivo para brincarem – partindo da definição que brincar é apenas aquilo que as crianças inventam - ou seja, passarem a brincar às produções, pelo que a televisão, deixava de ser exclusivamente um entretém de cativo para passar a ser também um entretém de liberdade.

Sabemos que isso as faria compreender que nem tudo o que ali vêem e ouvem é a verdade absoluta.

Pensamos que o grau de confiança , sobretudo dos pais , em nós subiria se soubessem que dizemos aos meninos que é necessário fazer outras coisas, que não somos os únicos que devem ver e ouvir mas , a verdade, é que também tememos a perda da confiança se lhes mostrarmos que afinal não passamos, na maioria dos casos, de uma montagem.

Já discutimos imenso sobre que informação devemos dar aos meninos e até aproveito para trazer para o debate algumas dessas dúvidas :

Devemos dizer –lhes

- que muitos dos programas que vêem são feitos por pessoas muito jovens sem quaisquer direitos sociais?

- que o Pedro Leitão é também a Dona Esmeralda, O Zacarias, O Spook , o Professor e todos quantos aparecem no espaço zig zag?

- que, de vez em quando, nos zangamos todos uns com os outros ,quando produzimos ,e nem sempre conseguimos resolver o problema?

- que ,no processo de produção, há momentos moralmente errados mas televisivamente certos?

- e que afinal os postais do Nodi eram escritos pelo Pedro Cavaleiro Ferreira?

Parece-me que o facto de os programas infantis da RTP não irem muito para além dos 10 anos faz com que não tenhamos essa preocupação por achar que as crianças são demasiado novas para perceberem o lado artificial da televisão. É um bocadinho como decidir em que momento vamos contar que o Pai Natal não existe.

Como compreenderão, não sendo a televisão obrigatória, estamos sempre em processo de sedução e seduzir é difícil. Educar para os media pode ser ,se for muito bem feito, mais um factor de sedução mas, mal feito, pode ser mesmo o fim da paixão. Até agora ainda não fui capaz de encontrar o melhor método para fazer isso. Mas prometo aplicar a principal lição que a Maria Emilia me deu – parar para pensar e nunca parar de pensar !

Muito Obrigada.

